

## ENTREVISTA

# O FUTURO DOS HISTORIADORES E O USO DAS TECNOLOGIAS NA PESQUISA EM HISTÓRIA:

Entrevista com Janaína Cardoso de Mello<sup>1</sup>

Daniel Ferreira da Silva<sup>2</sup>

Ygor Demiciano<sup>3</sup>

Entrevista recebida em: 15/01/2024

Aceita em: 02/07/2024

### RESUMO:

A presente entrevista foi disponibilizada em formato de podcast no final do ano de 2023, visando possibilitar uma reflexão sobre o estado atual das nossas pesquisas enquanto historiadores. A ênfase no uso das mídias e tecnologias digitais é o ponto central do debate, contando com a participação de uma profissional internacionalmente reconhecida na área de utilização de patrimônio com tecnologias e inteligências artificiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligências Artificiais; Humanidades Digitais; História Pública.

### THE FUTURE OF HISTORIANS AND THE USE OF TECHNOLOGIES IN HISTORY RESEARCH:

Interview with Janaína Cardoso de Mello

---

<sup>1</sup> Entrevista disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/22lmZKrESXTcPAXudy2rhL?si=O9JRJBnMR-qxQrHLXddKJA>.

<sup>2</sup> Mestrando no PPGHP- Programa de Pós-graduação em História Pública UNESPAR, Especialista em Ciências Humanas aplicadas ao mundo do Trabalho, possui graduação em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro UFTM. Atualmente desenvolve pesquisas e atividades como Bolsista Técnico no Laboratório de Ensino de História da Unespar Campus de Campo Mourão, dos temas correlatos estão Ensino de História, Processos de desenvolvimento de produtos históricos digitais, divulgação da História e Formação de professores, Sua pesquisa em desenvolvimento tem como tema “A produção de Vodcasts como novo espaço para formação de professores”, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1255-6105>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1709303175894421>. Email: [danielfsilva22@gmail.com](mailto:danielfsilva22@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando em História pela UFTM. Tendo interesse voltado para pesquisa nas áreas de História do Brasil, História Militar e História Pública. Atualmente, estou desenvolvendo um estudo sobre o "Recrutamento Militar da População Escravizada para a Guerra do Paraguai (1864-1870)". Além disso, participei como um dos membros fundadores do Laboratório de História Pública da UFTM (Lab.Histórico) (2020-2022). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4824365740225190>. Email: [d202020040@uftm.edu.com.br](mailto:d202020040@uftm.edu.com.br);

**ABSTRACT:**

This interview was made available in podcast format at the end of 2023, aiming to enable a reflection on the current state of our research as historians. The emphasis on the use of digital media and technologies is the central point of the debate, with the participation of an internationally recognized professional in the area of using heritage with technologies and artificial intelligence.

**KEYWORDS:** Artificial Intelligences; Digital Humanities; Public History.

## 1. Introdução

Ao refletirmos sobre a primeira entrevista acerca de perspectivas inovadoras para o campo da história, consideramos plausível a colaboração de materiais para o estudo histórico sobre tecnologias e suas aplicações, especialmente no contexto da pesquisa, extensão e atuação do historiador fora dos ambientes acadêmicos, que representa o desafio dos últimos anos.

Dessa maneira, destacamos as contribuições para o campo da História Pública, da História Digital, das Humanidades Digitais e, acima de tudo, do Ensino de História renovado como um mecanismo de atualização para o meio social, acadêmico e cultural. Por esse motivo, a escolha da professora foi evidente, dada sua contribuição abrangente no campo das tecnologias aplicadas ao ensino de história e as inovações propostas na Universidade Federal de Sergipe.

A professora Janaína Cardoso de Mello, da Universidade Federal de Sergipe, foi entrevistada em uma gravação no dia 21 de dezembro de 2023 por meio de uma plataforma virtual. Sua relevância para a temática vai de sua vasta experiência com o campo das tecnologias em diversas universidades, como na Federal e a Estadual de Alagoas. Ela concluiu seu doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em História Social, e sua atuação vai além do campo de pesquisa em Patrimônio, o qual é a linha de pesquisa de atuação nos mestrados (ProfHistória e PPGH) que atua na UFS, incluindo participação em diversos grupos de estudo.

Janaína Mello é especialista em Ensino de História e foca em abordar as tecnologias e seus usos, relacionando as noções de patrimônio e ensino de história. Sua trajetória, que foi marcada por desafios e percalços em diversas universidades tendo uma formação eclética, incluindo graduação em história, especializações em

diversas áreas principalmente em tecnologias educacionais, cibersegurança digital, inteligência artificial e transformação digital. Ela expressa sua crença nas oportunidades significativas trazidas pela popularização da inteligência artificial em diversas ferramentas, especialmente ao longo do último ano. Seu mestrado em memória social e doutorado em história social. Além disso, trabalha em projetos de inovação tecnológica na UFS desde 2010, trazendo a perspectiva da história digital e das humanidades digitais para o campo do patrimônio cultural.

Lembramos ao leitor que, essa entrevista é marcada por conversa entre os entrevistadores e a entrevistada, por isso, sua linguagem é um pouco mais coloquial, e fluida, mas, isso não exclui a importância do debate para o campo de atuação dos historiadores no caminho para a atuação fora dos meios acadêmicos. Esperamos que tanto a leitura como as abordagens ressaltadas aqui possam ser proveitosas.

**Ygor:** Como a senhora enxerga o futuro para nós, historiadores, no qual utilizamos a tecnologia para a produção de história?

**Janaína:** De fato, já temos utilizado amplamente as tecnologias, incluindo a inteligência artificial, na produção da história ao redor do mundo. Se observarmos, por exemplo, os trabalhos do Instituto Italiano de Tecnologia em Gênova, veremos um esforço notável no processamento de dados e documentação da Idade Média por meio da inteligência artificial. Esse avanço permite extrair informações e conteúdos de maneira mais rápida e profunda do que o trabalho puramente humano poderia realizar. Isso se mostra fundamental para acelerar o conhecimento, tanto na área da Idade Média quanto da Antiguidade. Um ponto notável é o uso de satélites, especialmente na minha área de patrimônio, que está em diálogo constante com a arqueologia. O mesmo Instituto Italiano de Tecnologia utiliza satélites para mapear sítios arqueológicos, especialmente em áreas de conflito, oferecendo um acompanhamento detalhado ao longo de uma década. Esse uso de tecnologia, aliado à inteligência artificial, possibilita o monitoramento e a modelagem digital para futuros projetos de restauração. A inteligência artificial tem processado dados em uma escala mais rápida do que anteriormente possível. Isso se traduz em

levantamentos e associações de dados em questão de semanas, em comparação com os anos que costumava levar. Essa agilidade beneficia não apenas os pesquisadores, mas também gestores e organismos internacionais interessados em processos de salvaguarda, como a ONU, que investem financeiramente nessas áreas afetadas. Essa aplicação da inteligência artificial não é nova no cenário brasileiro. A Fundação Casa de Rui Barbosa, por exemplo, já utiliza essa tecnologia para processar volumes imensos de documentação, tornando a catalogação e classificação mais rápidas e eficientes. Outros arquivos, também incorporam a inteligência artificial para facilitar a pesquisa acadêmica, tornando acessíveis grandes conjuntos documentais em prazos muito menores. A inteligência artificial não substitui o papel crítico dos historiadores, mas aprimora significativamente o processo de processamento de dados. Isso permite que os pesquisadores foquem em sua função essencial: a crítica dos documentos e a reflexão sobre o passado em relação ao presente. Os softwares de paleografia, impulsionados pela inteligência artificial, também desempenham um papel crucial na transcrição de documentos em tempo recorde, permitindo aos pesquisadores dedicar mais tempo à análise e reflexão. Portanto, a inteligência artificial não apenas acelera os processos, mas também melhora a qualidade e acessibilidade das informações, proporcionando benefícios significativos à comunidade de pesquisa histórica.

**Daniel:** É crucial considerarmos que nos Estados Unidos, no âmbito da história pública, as faculdades preparam os historiadores para atuarem em diversos ambientes. Isso proporciona a eles uma experiência significativa ao concluir tanto a graduação quanto a pós-graduação. Ao contrário, no Brasil, muitas vezes nos vemos restritos à sala de aula, mantendo a expectativa de que concursos públicos para professores serão a única trajetória profissional viável ao longo da carreira, não é mesmo? Essa diferença de abordagem destaca a necessidade de repensarmos e ampliarmos as oportunidades para os historiadores brasileiros, proporcionando um horizonte profissional mais diversificado e condizente com as demandas contemporâneas.

**Janaína:** Assim, acredito que a história pública abriu uma ampla janela de possibilidades e horizontes inexplorados. Essa nova perspectiva oferece aos historiadores a oportunidade de romper com visões excessivamente tradicionais e arraigadas ao passado imutável. No entanto, um desafio evidente, que vejo como um dos maiores obstáculos, especialmente para nós que lidamos com o passado, é a resistência pessoal, tanto na sociologia quanto na filosofia. Esse desafio não parece ser muito diferente na sociologia, embora outras disciplinas tenham avançado mais rapidamente do que nós, historiadores.

A história pública, ao chacoalhar nosso meio, nos força a repensar o impacto social de nossas reflexões e trabalhos. Até que ponto esses esforços conseguem alcançar o público fora das paredes da universidade? O desafio é ir além de falar apenas para os colegas acadêmicos, direcionando nossas narrativas para toda uma comunidade que possui interesse, mas necessita de um conteúdo apresentado de maneira mais acessível, atraente e interessante, fugindo dos jargões acadêmicos.

Dentro dessa perspectiva, a história pública nos obrigou a reconsiderar muitos aspectos, embora persistam resistências, especialmente no que diz respeito à adoção de tecnologias como a inteligência artificial. Muitos continuam presos a paradigmas do século XX, como discutíamos recentemente. É notável que parte da geração que hoje está nas universidades tem uma visão moldada pelos anos 90, uma época em que a hierarquia entre bacharelados e licenciaturas era nítida. Essa mentalidade, por vezes, ainda prevalece, e precisamos superar esse legado ao formar historiadores aptos para um mercado de trabalho mais diversificado.

A história pública oferece uma oportunidade única de repensar nossa trajetória como pesquisadores e formadores de história. Em um mundo onde youtubers e redes sociais capturam a atenção do público de maneiras inovadoras, torna-se imperativo que ajustemos nossa abordagem para não desaparecermos frente a indivíduos sem formação em história, mas que conseguem se comunicar efetivamente. O desafio agora é equilibrar tradição e inovação, capacitando nossos alunos para um futuro que demanda habilidades e competências alinhadas às

necessidades da sociedade contemporânea e às tecnologias emergentes. Enfrentar essa mudança é crucial para garantir que a história continue relevante e acessível no cenário atual e nos anos vindouros.

**Daniel:** Não sei se você está a par do que o governador do estado do Paraná está tentando fazer com os professores, né? Há um controle muito grande, até mesmo na questão dos slides das aulas, que agora são transmitidos automaticamente pela Secretaria de Educação. É absurdo não ter mais autonomia para desenvolver o plano de aula de forma diferente, pois agora é preciso seguir rigidamente o que o governo estipula.

**Janaína:** É verdade, percebo que nos falta autonomia. Um dos grandes problemas é que nós, da área de Humanidades, nos acostumamos a enxergar a tecnologia como inimiga, criando resistências e afastamentos. Essa postura permite que gestores usem o discurso de que estamos obsoletos, não atendemos às demandas do século XXI, e vimos os danos disso, como no novo ensino médio.

Para superar essa resistência, precisamos nos apropriar das tecnologias. A história digital é relevante, mas tem limites que nos instigam não apenas a estudar o que foi produzido com tecnologia, mas também a criar e transformar. É essencial reconhecermos que os tempos mudaram e assumirmos um protagonismo diante da tecnologia. Não devemos negá-la, mas sim criticá-la e propor soluções. Mostrar que compreendemos a tecnologia, utilizá-la de forma crítica e humanizada nas aulas de história, proporcionando habilidades e competências aos alunos para uma vida de qualidade na sociedade, muda o jogo e nos confere autonomia frente aos gestores.

Podemos utilizar a tecnologia de forma crítica, identificando problemas e propondo soluções, como na preservação do patrimônio. A história digital e o uso de softwares específicos, como o “GaBi”, são essenciais nesse processo. Nós, os historiadores, precisamos aprender a manusear essas tecnologias para desempenhar um papel ativo no mercado de trabalho e na gestão de espaços patrimoniais. É crucial preparar os estudantes de história para trabalharem com tecnologia, pois o mercado de trabalho perde quando não temos historiadores capacitados.

Devemos refletir sobre os usos da tecnologia para ter protagonismo na decisão e gestão desses espaços e das fontes documentais. Se não fizermos isso, quem o fará? É imperativo levar nossas preocupações, baseadas em nossa formação em Humanidades, para qualquer projeto que envolva essas questões.

**Ygor:** Também penso, professora, que a “História é absolutamente fundamental para o povo. Afinal, quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai.” - D. Bertrand. Por isso, é crucial expandir a história digital e ampliar os espaços para os historiadores. Poderíamos ter evitado o incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro e restaurado os itens de forma mais rápida, não perdendo parte da nossa história para sempre devido à falta de imagens e tecnologia, como a senhora mencionou. Isso pode ser evitado, né?

**Janaína:** A visão de novos espaços e ocupações, bem como o potencial para historiadores liderarem o uso dessas ferramentas em instituições para otimizar arquivos em bibliotecas e museus, é inspiradora. A ênfase na necessidade de habilidades em ferramentas generativas, criação de prompts de comandos e curadoria de conteúdo destaca a importância de uma formação ampla e diversificada para os historiadores. Esta reflexão incentiva uma abordagem mais ampla em relação às possibilidades oferecidas pela inteligência artificial, indo além do modelo tradicional de sala de aula. Uma coisa que eu sempre falo é que se você colocar um professor numa sala de aula com apenas quatro gizos, ele conseguirá dar sua aula. Pode ser uma aula tradicional, positivista, ou, de repente, ele pode inventar uma metodologia ativa, lúdica, fazer uma roda com os alunos, nem usar o quadro de giz, trabalhar numa outra perspectiva e movimentar toda a sala para dar a sua aula. Então, ele vai dar a aula dele.

Agora, pegue um professor e coloque-o num espaço cheio de recursos tecnológicos, ponha o professor numa escola e de um laboratório e diga para ele, “então, dê sua aula de história do Brasil com a metodologia existente, com todos esses equipamentos de robótica aí”. Se o professor não tiver conhecimento e habilidade para aquilo, ele não vai conseguir dar aquela aula, ele vai ficar desesperado. Volte

para o professor numa sala de aula e diga para ele, “então, dê sua aula de história contemporânea da Revolução Francesa utilizando a lousa digital.” Aí o professor vai entrar em desespero porque ele sempre aprendeu a utilizar o quadro negro, já lousa digital [...] então, o professor tem que, sim, ir se apropriando dessas tecnologias que vão estar em sala de aula!

Vejo aqui em Sergipe, por exemplo, as escolas particulares todas já têm lousa digital. As escolas do estado começaram a implementar, desde o final da pandemia. Antes da pandemia, elas já tinham sido compradas, porém, como as escolas ficaram fechadas, elas ficaram guardadas. Mas assim que voltaram às aulas, elas começaram a ser instaladas em várias escolas do estado. Então, o professor vai entrar numa sala do estado, concursado, ele vai ver que não tem 4 gizes, mas tem lousa digital? Como ele vai dar essa aula se ele nem sabe ligar, ele nunca viu uma lousa digital, porque na Universidade ele nunca encontrou uma lousa digital. Então, também a própria universidade, ela tem que repensar as suas estruturas ela tem que ter pelo menos uma “sala maker”. Ou um espaço para robótica, com todas as ferramentas em kits necessários, um espaço para gamificação com computadores potentes para ensinar os alunos justamente a trabalhar com isso, um espaço para desenvolvimento de linguagem de programação, um espaço para essa lousa digital. Então precisa, não precisa ser em todas as salas, mas pelo menos uma sala, um grande laboratório que possa ser utilizado por todas as licenciaturas. Antes do aluno se formar ele precisa ter esse contato, pois, não adianta em nada ter Pibid ou residência pedagógica se a própria formação entre a universidade não propiciar espaços de treinamento para o seu aluno nessas ferramentas digitais. Então, isso é mudança de estrutura, de infraestrutura na universidade. A gente está voltando a ter um período de muito dinheiro nas universidades, depois que a gente passou 6 anos na secura e cortes, a gente está voltando investimento e se as gestões não mudarem a mentalidade, eles realmente precisam fornecer essa infraestrutura.

Falei sobre o negócio do sistema do “Cimatec” que foi esse complexo universitário, cheio de laboratórios que eles criaram em Salvador, para vocês terem uma ideia, os contratos que eram feitos aqui com o pessoal de engenharia de produção, eles foram

todos desfeitos. As empresas de Sergipe, elas encerraram os contratos que tinham com a engenharia de produção da Universidade Federal. Estão fazendo novos contratos com o pessoal do Cimatec em Salvador. Essas empresas de Sergipe estão mandando seus profissionais para Salvador porque lá eles têm os laboratórios de prática, e aqui a gente não tem isso. Portanto, a gestão precisa também pensar nisso, organizar essa infraestrutura porque se não, teremos as melhores mentes pensantes com PhD, mas não vamos ter uma infraestrutura para que essas mentes pensantes possam desenvolver de fato ciência e tecnologia. E isso, porque antes a gente falava na questão da gente desenvolver ciência, já hoje, todos os editais estão pedindo até mesmo bolsa de produtividade e pesquisa. Então, não tem para onde correr, hoje, o PhD de qualquer área, ele tem que desenvolver ciência e tecnologia, mas como ele vai fazer isso sem infraestrutura? Ou seja, é muito importante pensar nisso, e, realmente incorporado nas instituições. Requeremos essa mudança de mentalidade, principalmente na gestão, nos departamentos e na formação dos profissionais, que não são somente professores, mas também dos bacharéis. Pois, afinal os bacharéis não podem ser aqueles que vão sair sabendo só fazer a paleografia e a classificação arquivística dos anos 90, eles têm que saber mexer em todas as tecnologias.

Digo que o pessoal da biblioteconomia e da ciência da informação estão a anos-luz à nossa frente, em termos de manuseio das tecnologias, das ferramentas para lidar com catalogação, classificação, inventariação. Sobre as gestões de fontes documentais eles estão anos à nossa frente, porque eles aprenderam justamente a se inserir dentro dessa perspectiva das Humanidades Digitais, eles utilizam esses softwares para fazerem coisas interessantíssimas com uma série de situações que a gente não sabe. E que a gente não aprende ou não tem interesse, coisas as quais deveríamos aprender para melhorar, inclusive a qualidade das nossas apresentações, seja em eventos ou artigos acadêmicos.

Então, muita coisa que a gente pode elevar a nossa qualidade e a gente não consegue fazer isso porque a gente hoje, a gente continua muito somente no PowerPoint, sendo que em muitas vezes nem o Excel a gente sabe trabalhar. Às vezes pergunto para os alunos: “gente, vamos trabalhar com o Power BI para gerarmos estatísticas e

gráficos para as pesquisas, vamos fazer um mapa corográfico que vai ficar bem legal no Power BI. Eles olham para mim, tipo, o que o professor está falando? O que é Power BI? O que é mapa corográfico? É da Geografia?” Então, é muito complicado, e o mundo de hoje é bem tecnológico e no meio disso a gente está extremamente defasado, tanto na questão para os professores como para o próprio ensino para os alunos que a falta de tecnologia está causando.

E aí, mais uma vez falo, quais são os espaços que vão fortalecer essa nossa caminhada tanto a médio como a longo prazo? Embora devesse ser curto, entretanto sabemos como é a nossa área, é a história pública e a história digital, fundamentalmente. Temos que falar sobre tecnologia, mas também devemos saber manusear com propriedade essas tecnologias. Além de mais, nesta questão, isso demonstra a falta que a história digital e a história pública fazem nos PCCS/PPCS das universidades. Notamos isso em sala de aula, muitos professores não sabem usar aulas no digital e não conseguem utilizar outros tipos de programas e coisas desse contexto. Então, as universidades também precisam dar uma olhadinha, porque o trabalho de um historiador não é só dar aula em uma sala de aula, ele também pode assumir podcasts, ele pode trabalhar em museus, reformular coisas desse contexto.

Creio que tem mais uma coisa aí, o que a gente pode chamar a atenção também é que, por exemplo, essa coisa dos PPCs, muitas vezes eles demoram mais de 5, 10 anos, às vezes até mais de 10 anos para serem aprovados institucionalmente. Então, quando ele é aprovado, ele já é aprovado com 10 anos de obsolescência. Pensou-se naquele PPC para 10 anos atrás, só que ele está sendo aprovado agora. Então muita coisa mudou, muita coisa se transformou, muita coisa que aquele PPC vai trazer como novidade já não é mais novidade coisa nenhuma, ele não incorporou as mudanças que eram necessárias. Portanto, esse também é um problema que talvez, se a gente aprender a usar melhor a tecnologia, a gente possa acelerar. Inclusive esse processo de construção mais rápida e decisão em cima dos PPCs.

**Daniel:** Também devemos considerar que nos Estados Unidos, por exemplo, as faculdades já preparam os historiadores para atuarem em diversos

ambientes, indo além da sala de aula. Após a graduação e pós-graduação, eles podem seguir para áreas de afinidade. Aqui no Brasil, muitas vezes ficamos limitados, achando que a única opção é concurso público para professor não é verdade?

**Janaína:** Exatamente. Compreendo a complexidade do cenário que descreve. A necessidade de repensar a formação em História para ampliar as oportunidades de atuação é evidente. A resistência à tecnologia na área de Humanidades e a falta de inserção em setores além da educação tradicional são desafios que demandam uma abordagem inovadora.

Observemos sobre a criação de edtechs por grandes empresas, como Google, Telefônica e Samsung, ressalta a importância de reconhecer as oportunidades oferecidas pelo avanço tecnológico na educação. A necessidade de capacitar professores, especialmente nas áreas de tecnologia, destaca a importância de os historiadores se envolverem nesse processo.

As preocupações com a empregabilidade dos graduados em História, especialmente diante da redução de vagas nos concursos e da demanda por competências tecnológicas, destacam a urgência de adaptar os currículos e preparar os estudantes para atuar em diversas áreas. A ideia de explorar nichos de empregabilidade, como a preservação do patrimônio e parcerias internacionais, é valiosa.

Dando ênfase na necessidade de capacitação em tecnologias específicas, como o software “GaBi” e ferramentas de inteligência artificial, destaca a importância de os historiadores adquirirem habilidades práticas para se destacarem em diferentes campos. A visão de carreiras mais amplas, como em museus, arquivos e bibliotecas, é crucial para diversificar as oportunidades profissionais.

A interseção entre tecnologia e história pública, considerando as Humanidades digitais, é apontada como uma chave para uma atuação mais eficaz e adaptada às demandas contemporâneas. A reflexão sobre a formação humanizada como base para a História Pública destaca a importância de se comunicar de maneira acessível e significativa com a sociedade em geral.

Essa ampliação de perspectivas e a busca por uma formação mais abrangente para os historiadores são passos essenciais para enfrentar os desafios atuais e construir um campo profissional mais dinâmico e relevante.

Desde o surgimento do ChatGPT em 2023, a atuação como curador de conteúdos e desenvolvedor de prompts de comandos tornou-se crucial. Para tirar o máximo proveito dessas ferramentas, é essencial saber formular perguntas de maneira específica e eficiente. O surgimento de “engenheiros de prompt de comandos” destaca uma área em ascensão, na qual historiadores podem se destacar, mesmo sem uma formação específica na faculdade. Essa especialização, juntamente com a função de curador de conteúdos, é vital para garantir respostas de qualidade e éticas.

A importância de verificar e rearranjar respostas é ressaltada, especialmente para evitar vieses, preconceitos ou informações incorretas. A figura do curador de conteúdos desempenha um papel fundamental nesse processo. Seu destaque sobre a necessidade de habilidades humanas na formação de prompts de comandos, visto que as inteligências artificiais ainda precisam de aprimoramento ao longo de anos, reforça a importância do trabalho humano nesse cenário. A mencionada necessidade de curadores e especialistas para evitar erros em trabalhos acadêmicos que utilizam IA destaca a complexidade envolvida.

**Ygor:** Que a questão principalmente agora, após pandemia, é uma tecnologização muito rápida. A criação das IAs, a popularização de podcasts, vídeos; então, com o tempo, daqui a uns 5 anos, mais ou menos, a tecnologia vai ser basicamente a mestre diss. Portanto, cabe às Universidades verificarem e fazer as mudanças necessárias logo, afinal, o atraso crescente em trazer esse tipo de mudança necessária. Algo que só afeta mais o próprio ensino de futuros historiadores-professores e também, afetará até o ensino de nossos futuros alunos, pois cada vez mais a sociedade se torna mais e mais tecnológica e aqueles que não se adaptam, acabam sendo deixados para trás.

**Janaína:** Mas penso, que nos encontramos ainda num processo de negação, afinal quando a gente saiu da pandemia, saiu daquele negócio, tipo aí, “eu não quero mais

ver tecnologia pela frente, eu estou saturado.” “Fiquei 2 anos preso com home Office com tecnologias de manhã, de tarde, de noite. Agora não quero, quero contato humano, eu não quero mais.”. E esta é a falta de entendimento porque vivemos em outro contexto, e devemos usar a tecnologia, e ela está em todo lugar, principalmente agora que retomamos a ter uma vida que a gente não tinha durante a pandemia. Então hoje não se justifica a gente falar em saturação tecnológica, porque a gente está num outro contexto, não está numa emergência sanitária.

Mas assim, eu ainda vejo muito essa coisa de uma involução, ou seja, é coisas que na própria universidade poderiam ser facilitadas com o uso de tecnologia. Por exemplo, um professor vai para um evento, ele tem que suspender a aula, porque aquele dia ele vai estar lá em outro estado/país por um evento acadêmico, ele pode passar um estudo dirigido, ou uma aula gravada, também poderia deixar a escuta de um podcast para os alunos. Algo que ele não precisa fazer uma reposição física que vai, muitas vezes, embaralhar com a vida também do aluno que fez todo o seu planejamento. Além disto, as reposições são feitas geralmente de sábado, muitas vezes o aluno trabalha no sábado, tem que cuidar às vezes do irmão, ou viajar para ver a família, portanto, ele vai acabar sendo prejudicado por conta disso, isso é, várias coisas que a gente poderia utilizar, não são não pensadas.

**Ygor:** Forma online mostrava graça algumas outras formas assim, um podcast ou até mesmo com um evento, dependendo da situação da aula. Olha aquela questão, né? A resistência em base da tecnologia, principalmente devido à própria pandemia. Como a senhora mesmo citou.

**Janaína:** Ninguém! Justamente aí fico pensando. E o que nós vamos fazer? Que quando essa geração que tá chegando à universidade, essa geração do TikTok, dos games, do YouTube. A universidade vai olhar e dizer, cara, curso de história é assim, não tem nenhuma inovação, é só o professor falando de texto, texto, texto o tempo inteiro, todas as aulas, o mesmo, é só escrevendo. Quadro de gizes. Só isso não tem mais nada, então vou embora e vou fazer outro curso. Então também temos que pensar que a utilização das tecnologias também favorece a manter essa futura

geração totalmente digitalizada na universidade, senão teremos muitos, muitos problemas em manter a própria existência da universidade para as próximas gerações. E aí? Isso impacta, inclusive, nos mestrados e doutorados. A gente está formando muitos professores e muitos mestres e doutores. Para quê? Para me substituir, para serem professores universitários. Só que se a gente não garantir a continuidade dessa universidade. Hoje, com esse pensamento ainda da década de 90, pois, daqui a 10 ou 20 anos, ela vai ter alguma utilidade ainda vai existir, né? Ela vai atrair, é gente que queira, de fato, fazer um curso há 10 ou 20 anos. Dentro daquele curso também são questões para a gente pensar, né?

**Daniel:** Mas é justamente isso! A gente precisa se adaptar ao ambiente, o César Agenor ele falou em uma última entrevista que a gente fez com ele, “Se o historiador não se atualizar, não é a população que vai lá no Planalto ou no Palácio do governo lutar pelo emprego do historiador”. Tem que correr atrás, então é a gente pela gente mesmo e vamos correr para ressignificar nossa própria profissão se não ela vai ficar obsoleta, vai ficar sem sentido na sociedade. E agora que a gente tem legislação regulamentando a própria profissão temos um campo enorme de conquista. A senhora gostaria de fazer as suas considerações finais?

**Janaína:** Devo dizer que as novas gerações de futuros estudantes de história, seja para o bacharelado ou para a licenciatura, tragam as suas inovações, as suas ideias que vamos contagiar para podermos realmente promover essas mudanças em departamentos e nos PPCS. Que os novos professores que estão chegando via concursos públicos, também recentes, nos departamentos que eles cheguem com essa visão de futuro, de presente futuro. Uma coisa que sempre falo, nós somos historiadores, trabalhamos com o passado, mas nós não vivemos no passado vivemos no presente e muito preocupados com o futuro de todos nós! Mediados pelas tecnologias e pela questão do clima, devemos estar sempre atentos a essa possibilidade de tornar o convívio em sociedade o melhor possível, estamos sempre preocupados com essa questão da cidadania. Na qualidade de vida, na luta contra as injustiças sociais e no campo da tecnologia, principalmente com os acessos, e cada

vez mais facilitar os acessos aos equipamentos, as conectividades, e a uma conectividade de boa qualidade no país inteiro. É um absurdo que, em pleno século XXI, a gente ainda tenha pessoas que não tenham internet, que não tenham computador ou celular. Com qualidade para poder fazer esse ingresso na vida digital, sendo que quase tudo hoje, quase todas as profissões, 99% exigem essas habilidades de tecnologia. Temos que lutar por isso, e também que as aulas de história sejam também espaços onde os alunos, principalmente os alunos da educação básica aprendam também na aula de história como manusear as ferramentas digitais trabalhando com os conteúdos históricos.